



O PAPEL DO PROFESSOR NO COMBATE À DESIGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID ALFABETIZAÇÃO

Autores: Roseane da Silva Campos, Tainá da Silva Esmeraldo, Edivone Meire de Oliveira, Emily Pereira Lima, Stéfany Fernandes Alcântara. E-mail: thaynaalves.ef@gmail.com
Instituição: URCA Universidade Regional do Cariri, Crato-CE

RESUMO

As pesquisadoras Iara Maria de Araújo e Joana D'arc, no artigo intitulado Educação de meninas e meninos: pensando conceitos, repensando práticas (2014), corroboradas por Bordini e Sperb, (2012), afirmam que gênero é uma construção que ocorre nas relações sociais. Em termos sociológicos e antropológicos, gênero ultrapassa o fato biológico, constituindo-se pelas sociedades e pelas culturas. Então, não podemos dizer que as pessoas nascem com desigualdade de gênero na medida em que a identidade de gênero se desenvolve nas interações, nas expectativas sociais, na linguagem e nas normas sociais. Logo, é fundante uma educação conscientizadora que valorize o lugar de todos os sujeitos, entendendo-os como diferentes, mas com direitos civis garantidos igualmente. É nessa perspectiva que como docentes devemos implementar em nossas práticas posicionamentos claros diante das situações cotidianas referentes a desigualdade de gênero, para não naturalizar essa distinção. Foi com esta visão que durante todo o percurso no PIBID Alfabetização, adotamos algumas condutas para fomentar os direitos à igualdade de gênero e o respeito às diversidades, desde os momentos mais simples como contar as crianças, quando meninas e meninos são contabilizados em sua totalidade. Nas nossas atividades, as crianças têm direitos e papéis iguais: i) todas podem dançar na hora da musicalização e escolher as músicas; ii) é função de todas as crianças ajudar a organizar os brinquedos, recolher as massinhas, pois as atividades são coletivas; iii) na roda de história, os meninos não recebem a função de levarem as cadeiras, mas todas juntas organizam esse momento. Diante dos conflitos como: “menino não brinca de boneca”; “menina não brinca de carrinho”; “meu pai não deixa eu brincar com as meninas”, adotamos a pedagogia da escuta, ouvindo e apontando razões para que todos usem e explorem os diferentes espaços e materiais, fazendo ligações com o cotidiano, levando as crianças a refletirem: “mas, os papais podem cuidar dos filhos: seu pai já deu banho em você?”; “por que você não pode varrer a casa? Quando você tiver sua casa ela vai ficar suja?”; “você sabia que podemos fazer qualquer coisa, só precisamos tentar?”. Aproveitamos muito dos momentos de brincadeira do faz de conta para explorar e desmistificar o papel social do homem e da mulher, sempre destacando situações reais, como cozinheiros homens, mulheres motoristas. Na hora do intervalo, os brinquedos são livres para as crianças brincarem de maneira plena, sem escolher se as meninas brincam com boneca e os meninos com o carrinho. Na hora de escolher a literatura, não contamos para as crianças histórias em que as meninas precisam ser salvas ou que o príncipe pode dar beijos sem autorização da princesa para salvá-la, colocando os meninos como mais fortes que as meninas e afirmando o domínio do homem sobre a mulher. Estratégias simples têm levado a grandes aprendizados e lindos depoimentos familiares, a exemplo desse: “professora, João sempre



coloca o prato na pia e até me ajuda a organizar a casa, até falou para o pai que homem tem que cuidar da casa também”. As crianças têm demonstrado mais paciência, diálogo, compreendendo seus sentidos nas interações e trocas, dividindo de forma natural tarefas e papais, além de respeito e o valor por todas.

Palavras-chave: Questões de gênero; Ser menina e ser menino; Direitos Humanos.